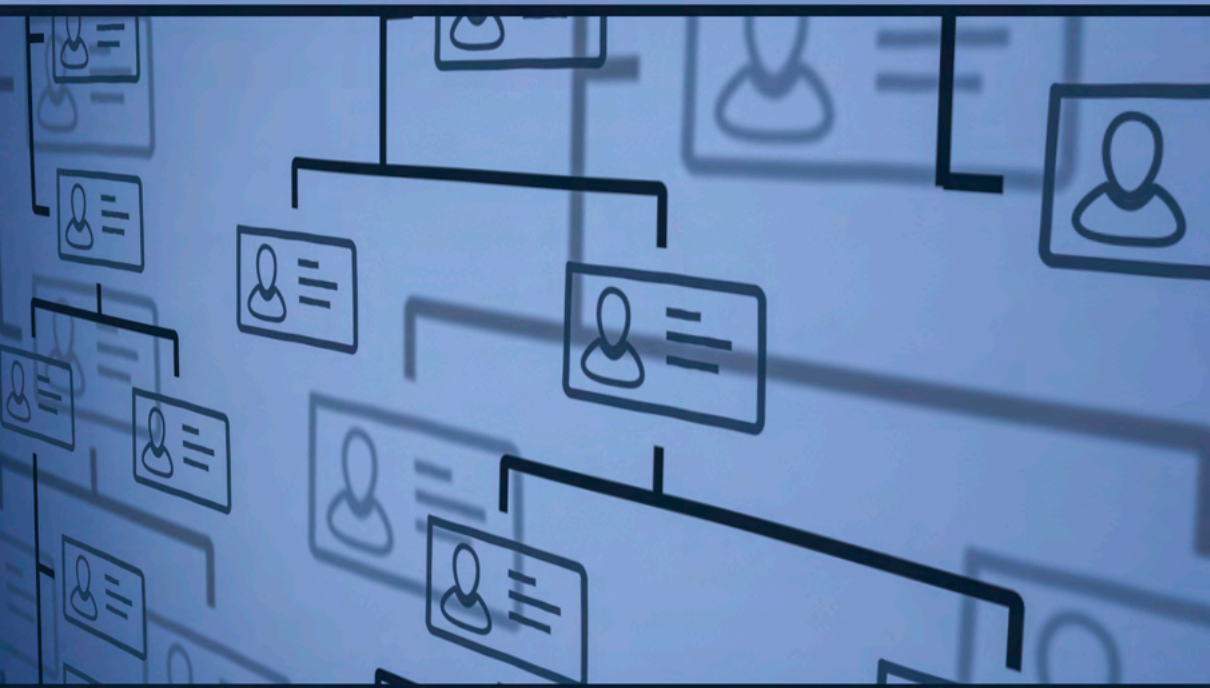


Nikolas Corrent
(Organizador)



CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS:

Estado, organizações e desenvolvimento regional 2

Atena
Editora
Ano 2022

Nikolas Corrent
(Organizador)



CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS:

Estado, organizações e desenvolvimento regional 2

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Nikolas Corrent

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências sociais aplicadas: Estado, organizações e desenvolvimento regional 2 / Organizador Nikolas Corrent. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0645-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.457220410>

1. Ciências sociais. 2. Estado. 3. Desenvolvimento regional. I. Corrent, Nikolas (Organizador). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coleção “Ciências sociais aplicadas: Estado, organizações e desenvolvimento regional” é uma obra que apresenta como foco principal a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. Trata-se de um trabalho que acrescenta diferentes perspectivas, corroborada na pluralidade de áreas representadas por seus autores.

O volume abordará de forma interdisciplinar, diversos trabalhos, pesquisas e práticas que permeiam as Ciências Sociais Aplicadas, a qual traz de forma intrínseca a conexão entre diferentes áreas de conhecimento, porém todas tendo uma finalidade em comum: colaborar significativamente para a melhoria da sociedade.

O objetivo central foi proporcionar de forma categorizada e clara reflexões desenvolvidas em instituições de ensino e pesquisa do país, os quais contemplam as mais distintas ciências. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi analisar problemas e propor soluções, visto que isso faz parte dos estudos das Ciências Sociais Aplicadas.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres e todos aqueles que de alguma forma se interessam pelas questões sociais, pois entender os seres humanos e seus dilemas não é só função das ciências humanas. Acrescentando um pouco de aspectos práticos, chegamos às Ciências Sociais Aplicadas, compostas por profissionais que trabalham para organizar e transformar a sociedade.






Desse modo, a obra “Ciências sociais aplicadas: Estado, organizações e desenvolvimento regional” apresenta temáticas de valiosa contribuição acadêmica, além de buscar desvelar as nuances acerca das problemáticas sociais, culturais, políticas e econômicas. Além disso, a obra apresenta capítulos que abordam a necessidade de conexões disciplinares, ou seja, requerem um diálogo constante com outros conhecimentos, para a boa compreensão dos seus métodos – algo característico no interior das Sociais Aplicadas. Apesar de terem conteúdos e objetivos bem distintos, todos os capítulos têm um ponto em comum: questionam as consequências da vida em sociedade.

Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes/as pesquisadores/as exporem e divulguem seus resultados.


Boa leitura!

Nikolas Corrent

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TRABALHO COM SENTIDO E CONTEXTO LABORAL DE ASSISTENTES SOCIAIS BRASILEIROS(AS)	
Lilia Aparecida Kanan Juciane Aparecida Godoi Figueiredo da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4572204101	
CAPÍTULO 2	18
A GOVERNANÇA E A GESTÃO DO PATRIMÔNIO PÚBLICO: UM ESTUDO DE CASO NO ESTADO DO PARÁ	
Alessandra Mendes Monteiro Leila Márcia Sousa de Lima Elias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4572204102	
CAPÍTULO 3	40
A INSUSTENTABILIDADE DA TEORIA DA PREVENÇÃO ESPECIAL POSITIVA DIANTE DA FILOSOFIA DE JEAN-PAUL SARTRE	
Marina Della Méa Vieira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4572204103	
CAPÍTULO 4	53
A DINÂMICA DA MODERNIDADE E DA PÓS-MODERNIDADE NO MUNDO GLOBALIZADO	
Banjaqui Nhaga Laís Ingrid da Silva Jardim	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4572204104	
CAPÍTULO 5	64
APONTAMENTOS RELEVANTES PARA O ALCANCE DA IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA DE GESTÃO DE MATERIAIS, OBRAS E SERVIÇOS NA GESTÃO PÚBLICA	
Ketleen Camargo da Silva Tainá de Paula Cordeiro Bomfim Rosaly Machado Franciele Machado de Souza Eliane Iara Bendix	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4572204105	
CAPÍTULO 6	87
AS RELAÇÕES TRABALHISTAS DIANTE DO DILEMA VIDA VS ECONOMIA DURANTE A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS	
Samuel Soares de Souza Santos Geovana Viana de Oliveira Joaquim dos Santos Ferreira Lidiane Garcia Bressan	

Vanessa Alvarado de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4572204106>

CAPÍTULO 7..... 93

CAPITALISMO E DESARTICULAÇÃO PSICOSSOCIAL: CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE


Everton Marcos Batistela

Airton Carlos Batistela

Celso Eduardo Pereira Ramos

Manoel Adir Kischener


Mariza Rotta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4572204107>

CAPÍTULO 8..... 100

LOS RANKINGS DE UNIVERSIDADES: UNA PERSPECTIVA BIBLIOTECOLÓGICA


Denise Marín Castellanos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4572204108>

CAPÍTULO 9..... 111

EMPLEABILIDAD, COMPETENCIAS PSICOSOCIALES Y DE GESTIÓN: UN ANÁLISIS COMPARATIVO EN TRES POBLACIONES DE UNIVERSITARIOS

Miriam Aparicio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4572204109>

CAPÍTULO 10..... 130

A INSTALAÇÃO DE UM CAMPUS UNIVERSITÁRIO COMO POTENCIALIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL NO TERRITÓRIO CANTUQUIRIGUAÇU/PR

Juliana Bento de Camargo

Bruno Renan Borgato

Janete Stoffel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45722041010>

CAPÍTULO 11..... 146

UM OLHAR SOBRE A TRADIÇÃO E CULTURA DA PRODUÇÃO FAMILIAR DE FARINHA DE TAPIOCA DA VILA DE AMERICANO - SANTA IZABEL DO PARÁ

Jamison Pinheiro Ribeiro

Marluce Reis Souza Santa Brígida

Leandra Rose da Silva Palheta

Andréa Cristina Dorr

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45722041011>

CAPÍTULO 12..... 158

MUITO ALÉM DAS CASTANHOLAS: TRABALHO FORMAÇÃO, E OCUPAÇÃO DAS MULHERES ESPANHOLAS

Debora Aparecida Almeida

Dimas de Oliveira Estevam

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45722041012>

CAPÍTULO 13..... 176

ACREDITACIÓN DE LA CONCERTACIÓN DEL DELITO DE COLUSIÓN E INCIDENCIA EN LA IMPUTACIÓN JURÍDICA DE INFORMES DE CONTROL POSTERIOR, AREQUIPA


Elaine Yuliana Arce Coaquira
Ronald Raul Arce Coaquira
Solime Olga Carrión Fredes
Gerardo Hugo Flores Mestas
Eliana Lisbeth Arce Coaquira
Genciana Serruto Medina
Nakaday Irazema Vargas Torres
Marilia Ysabel Arteta Olvea

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45722041013>

CAPÍTULO 14..... 191

CRIATIVIDADE E O DESIGNER INDUSTRIAL... UMA HABILIDADE ESSENCIAL


Alexis Iván Soto Ruiz
Raymundo Ocaña Delgado
Argelia Monserrat Rodríguez Leonel
Omar Eduardo Sánchez Estrada

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45722041014>

CAPÍTULO 15..... 201

ENTRETENIMENTO E BOM-SENSE: A FUGACIDADE DOS COMPARTILHAMENTOS NAS MÍDIAS DIGITAIS, AO QUAL FUNDAMENTAM OS TRAÇOS DA FACILIDADE, AGILIDADE E DO PODER DOS IMPULSOS CIBERNÉTICOS


Fernanda Gabriella de Lima Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45722041015>

CAPÍTULO 16..... 205

EL TURISMO EDUCATIVO UNA FORMA DE PROFESIONALIZACIÓN EN EL SECTOR


Nancy Testón Franco
Ernesto R. Ahumada López
Carolina González Espinoza
Noemí Vega Lugo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45722041016>

CAPÍTULO 17..... 216

TURISMO, PONTA DO CORUMBAU, PROGRESSO E SUSTENTABILIDADE: UMA PESQUISA DE FENÔMENO SITUADO

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45722041017>

CAPÍTULO 18..... 231

ESPAÇOS VERDES E PANDEMIA: CONSIDERAÇÕES À LUZ DA PSICOLOGIA AMBIENTAL

Imara Angélica Macêdo Duarte


Plínio Renan Gonçalves da Silveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45722041018>

CAPÍTULO 19.....243

OS PROPÓSITOS DAS IDEIAS REFORMISTAS COMO SOLUÇÃO DE CRISES NO BRASIL: UMA CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE RECENTE DA REFORMA DA PREVIDÊNCIA

Maria Gracinda Carvalho Teixeira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45722041019>

CAPÍTULO 20.....260

PARADIGMA DO EQUILÍBRIO *VERSUS* PARADIGMA DO CONFLITO: UM OLHAR DA ANÁLISE ESPACIAL INTRAURBANA PARA BALNEÁRIO CAMBORIÚ

Marcos Ricardo dos Santos

Isabela Oliveira Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.45722041020>

SOBRE O ORGANIZADOR.....273

ÍNDICE REMISSIVO.....274

CAPÍTULO 4

A DINÂMICA DA MODERNIDADE E DA PÓS-MODERNIDADE NO MUNDO GLOBALIZADO

Data de aceite: 03/10/2022

Banjaqui Nhaga

Professor: Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, UFCG - PB

Laís Ingrid da Silva Jardim

Aluno: Curso de direito do Centro Universitário Maurício de Nassau Caruaru - PE

RESUMO: O fenômeno da modernidade, por conseguinte, não apenas envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, como é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações inerentes. Embora o termo moderno tenha uma história bem mais antiga, o que Habermas chama de projeto da modernidade entrou em foco durante o século XVIII. Esse projeto equivalia a um extraordinário esforço intelectual dos pensadores iluministas para desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e a lei universais e a arte autônoma nos termos da própria lógica interna destas. Portanto, a idéia era usar o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca de emancipação humana e do enriquecimento da vida diária. O pós-moderno, enquanto condição da cultura nesta, caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes. A globalização, por seu turno, é um fenômeno que vem acompanhado do processo da modernidade.

Portanto, o que habitualmente designamos de globalização é, de fato, conjunto diferenciado de relações sociais, as quais dão origem a diferentes fenômenos de globalização.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade; pós-modernidade; globalização.

INTRODUÇÃO

No que se segue, procurarei desenvolver uma análise da modernidade e da pós-modernidade num mundo globalizado, analisar tais abordagens com os fenômenos culturais globais.

Hoje, segundo Giddens (1991), no final do século XX, muita gente argumenta que estamos no limiar de uma nova era, a qual as ciências sociais devem responder e que está nos levando para além da própria modernidade. Uma estonteante variedade de termos tem sido sugerida para esta transição, alguns dos quais se referem positivamente a emergência de um novo tipo de sistema social (tal como a “sociedade de informação” ou a “sociedade de consumo”), mas cuja maioria sugere que, mais que um estado de coisas precedente, está chegando a um encerramento, (“pós-modernidade”, “pós-modernismo”, “sociedade pós-industrial”, e assim por diante).

Porém, alguns dos debates sobre esta questão se encontram principalmente sobre transformações institucionais, particularmente as que sugerem que estamos nos deslocando

de um sistema baseado na manufatura de bens materiais para outro relacionado mais centralmente com informação. Mais freqüentemente, contudo, estas controvérsias enfocam amplamente questões de filosofia e epistemologia, (GIDDENS, 1991). Como sugere Lyotard, a pós-modernidade se refere a um deslocamento de tentativas de fundamentar a epistemologia, e da fé no progresso planejado humanamente. Portanto, a condição da pós modernidade é caracterizada por uma evaporação da grande narrativa. Por outro lado, a perspectiva pós-moderna vê uma pluralidade de reivindicações heterogêneas de conhecimento, na qual a ciência não tem um lugar privilegiado (1998).

Para Harvey (2004), ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo – e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos tudo o que sabemos tudo o que somos. Os ambientes e experiências modernos cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia; assim, nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une toda humanidade. Mas, porém, trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade; ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Portanto, ser moderno é ser parte de um universo em que “tudo o que é sólido desmancha no ar” (HARVEY, 2004).

UM ESBOÇO DA MODERNIDADE E DO MODERNISMO NO CONTEXTO DA SOCIEDADE GLOBALIZADO

O tema modernidade vem sendo debatido nos últimos anos pelos grandes cientistas sociais. De modo geral, as diversas análises sobre o tema concordam quanto ao caráter fugidio e transitório desse modo de vida que foi institucionalizado com a consolidação da sociedade capitalista a partir do século XVIII.

Porém, se a vida moderna está de fato tão permeada pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmento e do contingente, há algumas profundas conseqüências. Para começar, segundo Harvey (2004), a modernidade não pode respeitar se quer o seu passado, para não falar do de qualquer ordem social pré-moderna. A transitoriedade das coisas dificulta a preservação de todo sentido de continuidade histórica. No entanto, se há algum sentido na história, há que descobri-lo a partir de dentro do turbilhão da mudança, um turbilhão que afeta tanto os termos da discussão como o que está sendo discutido. A modernidade, por conseguinte, não apenas envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, como é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes (HARVEY, 2004).

De acordo com Harvey (2004), embora o termo moderno tenha uma história bem mais antiga, o que Habermas chama de projeto da modernidade entrou em foco durante o século XVIII. Esse projeto equivalia a um extraordinário esforço intelectual dos pensadores iluministas para desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e a lei universais e a arte

autônoma nos termos da própria lógica interna destas. Portanto, a idéia era usar o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca de emancipação humana e do enriquecimento da vida diária.

Por outro lado, o pensamento iluminista abraçou a idéia do progresso e buscou ativamente a ruptura com a história e a tradição esposada pela modernidade. Assim, foi, sobretudo, um movimento secular que procurou desmistificar e dessacralizar o conhecimento e a organização social para libertar os seres humanos de seus grilhões. Na medida em que também saudava a criatividade humana, a descoberta científica e a busca da excelência individual em nome do progresso humano, os pensadores iluministas acolheram o turbilhão da mudança e viram a transitoriedade, o fugidio e o fragmentário como condição necessária por meio da qual o projeto modernizador poderia ser realizado (HARVEY, 2004).

A imagem da “destruição criativa” é muito importante para a compreensão, precisamente porque derivou dos dilemas práticos enfrentados pela implementação do projeto modernista. Porém, se o modernista tem de destruir para criar, a única maneira de representar verdades eternas é um processo de destruição passível de, no final, destruir ele mesmo estas verdades (HARVEY, 2004).

Portanto, nessa nova concepção do projeto modernista, artistas, escritores, arquitetos, compositores, poetas, pensadores e filósofos tinham uma posição bem especial. Isto é, por um lado, se o “eterno e o imutável” não mais podia ser automaticamente pressuposto, o artista moderno tinha um papel criativo a desempenhar na redefinição da essência da humanidade.

Por outro lado, se a “destruição criativa” era uma condição essencial da modernidade, talvez coubesse o artista como indivíduo uma função heróica. Entretanto, o modernismo se preocupava com a linguagem, com a descoberta de alguma modalidade especial de representação de verdades eternas. Com efeito, a realização individual dependia da inovação na linguagem e nas formas de representação, disso resultando que a obra modernista, com frequência, revela voluntariamente sua arte, num “constructo auto-referencial, em vez de um espelho da sociedade” (HARVEY, 2004).

Segundo Harvey, o modernismo só podia falar do eterno ao congelar o tempo e todas as suas qualidades transitórias. Por exemplo, para o arquiteto, encarregado de projetar e construir uma estrutura espacial relativamente permanente tratava-se de uma proposição bem simples. Por outro lado, diz Harvey, o modernismo internalizou seu próprio turbilhão de ambigüidades, de construções e de mudanças estéticas pulsantes, ao mesmo tempo em que buscava afetar a estética da vida diária (2004).

Assim, a modernidade pode ser considerada como fenômeno histórico que sucede o período medieval. Pode-se dizer que na modernidade há um desencantamento do conhecimento, ou seja, o divino, a fé e os fenômenos sobrenaturais deixam de compor a base do conhecimento, sendo estes substituídos pela razão pura, na busca da ordem e do progresso, (BORTOLLON & TORRONTÉGUY, 2006).

O conhecimento que consolidou a modernidade, segundo Bortollon e Torronteguy (2006), se baseava na razão, na ciência, na matemática, no absoluto, pretendendo todas as descobertas da modernidade serem uma verdade absoluta, em oposição ao conhecimento que lhe precedia, e daí advém o que muitos denominam sua “arrogância”. Por outro lado, de acordo com esses autores, a consolidação do pensamento moderno se dá por meio das descobertas científicas as quais deixaram de utilizar o esoterismo, e o divino, como explicação para os fenômenos da natureza. Ocorre, portanto, um abandono do misticismo, buscando a razão científica para responder aos anseios de seus pesquisadores. Porém, por tal motivo, a verdade passou a ser aquilo que fosse comprovada matematicamente, racionalmente, deixando de ser verdade as outras crenças desprovidas desta razão.

A revolução científica, por seu turno, iniciada nos idos do século XVI é considerado como a base do período moderno. A partir daí, começam a surgir novos estudos sobre os fenômenos da natureza, desvinculados da explicação divina. Os pesquisadores e estudiosos das ciências naturais começam a construir métodos próprios de estudo e observação dos fatos baseados na razão, o que mais tarde, acabará se tornando o verdadeiro conhecimento científico das coisas. No entanto, tudo o que não tiver método próprio baseado na razão, na lógica e na matemática não será considerado ciência, (BORTOLLON & TORRONTÉGUY, 2006).

No que diz respeito à formação do paradigma dominante, instaurado pelo pensamento consolidado na modernidade, segundo Boaventura de Sousa Santos:

O modelo de racionalidade que preside a ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvida nos séculos seguintes basicamente nos domínios das ciências naturais. Ainda que compõe alguns prenúncios no século XVIII, é só no século XIX que este modelo de racionalidade se estende as ciências sociais emergentes. A partir de então, pode falar-se de um modelo global (isto é, ocidental), de racionalidade científica que admite variedade interna, mas que se defende ostensivamente de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, potencialmente perturbadoras): o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos, (SANTOS, apud BORTOLLON & TORRONTÉGUY, 2006)

Entretanto, este quadro se demonstra, de forma clara, que a modernidade se constrói em um momento de oposição ao período medieval, no qual a religião cristã era dominadora de todo o conhecimento.

O moderno estudo dos fenômenos naturais tão intensos e dominador, que acabou influenciando diretamente a forma de estudo e conhecimento das ciências sociais emergentes, estudava-se, portanto, o indivíduo da mesma forma que se estudava o movimento da queda dos corpos, por exemplo. Isto é, o fato dos seres humanos terem suas especificidades, subjetividades, bem como o fato de a sociedade ser marcado pelo movimento histórico e cultural de determinada época, de certo modo ignorados, tentando fazer-se das ciências sociais também uma ciência objetiva, com a finalidade de encontrar verdades absolutas que servissem como leis naturais (BORTOLLON & TORRONTÉGUY,

2006).

A globalização, por seu turno, é um fenômeno que vem acompanhado do processo da modernidade. Portanto, o que habitualmente designamos de globalização, segundo Bortollon e Torronteguy (2006), é, de fato, conjunto diferenciado de relações sociais, as quais dão origem a diferentes fenômenos de globalização. De acordo com Santos:

Não existe estritamente uma entidade única chamada globalização; em vez disso, globalizações. Em rigor, este termo só deveria ser usado no plural. Enquanto feixes de relações sociais, as globalizações envolvem conflitos e, por isso, vencedores e vencidos. Daí a definição de globalização por mim proposta: globalização é o processo pelo qual determinada condição ou entidade local estende a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival (apud BORTOLLON & TORRONTÉGUY, 2006)

Portanto, estamos vivenciando o fenômeno da globalização, no qual, as mudanças ocorridas no cenário mundial, acentuam o abismo já existente entre países desenvolvidos e os países em desenvolvimento. Aumentam-se as desigualdades sociais, desemprego, a pobreza, a exclusão social.

Dentro desse debate, a obra de Giddens tem-se destacado por apresentar um olhar bem atento sobre a natureza própria da modernidade. Isso, porque ele ressalta que o pensamento sociológico clássico, por ter um objeto a própria ação social moderna, não conseguiu pensar o grau do dinamismo que alcançaria modernidade. Precisamos ainda, segundo Giddens, de uma nova teoria social que dê conta da complexidade da sociedade contemporânea:

Se formos compreender adequadamente a natureza da modernidade, quero argumentar, temos que romper com as perspectivas sociológicas; termos que dar conta do extremo dinamismo e do escopo globalizante das instituições modernas e explicar a natureza de suas descontinuidades em relação às culturas tradicionais (GIDDENS, 1991).

Porém, Giddens concorda com o caráter fugidio e contingente da modernidade, já postulado pelas ciências sociais, definindo o termo modernidade como “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII, e tornaram mais ou menos mundiais em sua influência, (GIDDENS, 1991). Contrapondo-se a esta idéia da emergência de uma ordem social pós-moderna, Giddens acredita que vivemos a radicalização da modernidade, ou seja, um tempo em que o modo de vida iniciado no século XVII chegou ao seu ápice. Ainda, segundo Giddens, vale notar que as conseqüências da modernidade nos colocam diante de um fenômeno gumes.

De acordo com Cujini (2008), na análise de Bauman, duas características fazem da modernidade algo de novo e diferente comparado ao modelo cultural anterior. A primeira é o desmoraonamento da antiga ilusão moderna, ou seja:

Da crença de que há um fim de caminho em que andamos um tólos alcançável da mudança histórica, um estado de perfeição a ser atingido amanhã, no

próximo ano ou no próximo milênio, algum tipo de sociedade boa... da ordem perfeita em que tudo é colocado no lugar certo, do completo domínio sobre o futuro (2008).

Assim, talvez seja este o sentido mais profundo, do ponto de vista filosófico, da metáfora da liquidez que Bauman analisa em várias circunstâncias, segundo Cujini. Entretanto, diz autor, a sociedade líquida não desceu do céu, não se produziu do nada, improvisadamente, mas foi o fruto maduro do desmoronamento da modernidade, ou seja, do processo do derretimento dos sólidos formados e elaborados na modernidade. Entre eles, Bauman, segundo Cujini (2008), coloca a filosofia da história a possibilidade de calcular o futuro a partir dos dados presentes. Nisso, ele se aproxima das teorias dos maiores teóricos da pós-modernidade, tais como, Lyotard, Vattimo e Rorty que apontam, nas ideologias da modernidade, o cerne de toda uma elaboração racional que, por séculos, se esforçou para determinar o futuro da humanidade, pagando o preço salgado de forçar a realidade presente.

A segunda características que, segundo Bauman (apud Cujini, 2008), marca o novo contexto cultural é a desregulamentação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes. Na modernidade líquida, não existem mais valores sociais, mas individuais. Entretanto, aquilo que na modernidade, era considerado tarefa da coletividade, da sociedade, foi transferida para o indivíduo e, a partir daí, vale apenas aquilo que interessa para o indivíduo. Assim, esta segunda importante transformação – socialização á individualização – que, segundo Bauman, marca fortemente a modernidade líquida, afeta não apenas a cultura, mas também e, sobretudo, a vida corriqueira do homem pós-moderno.

PÓS-MODERNISMO COMO DINÂMICA CULTURAL

O ser humano alterou consideravelmente seu modelo filosófico após o fim da idade média. Com o fim do feudalismo, advento do capitalismo e a crise do fim da chamada era das trevas, o ser humano buscou uma nova identidade. Entretanto, essa nova redefinição identitária se ancorou na razão, nas luzes, na descoberta humana de sua capacidade de explicar e transformar.

No entanto, essa ruptura se deu com a passagem de uma sociedade fundamentalmente teocentrada, na qual a igreja cabia dizer o que era ou não verdade, para uma sociedade logocentrada, em que o logos, a razão é quem passava a assumir esse papel. Assim, essa passagem não significou o fim do discurso teológico, mas sua perda de centralidade em relação ao discurso da modernidade, um discurso da razão. Portanto, se até o fim do século XVII a razão era Deus, a partir de então o deus passou a ser a razão e, certamente, isso trouxe conseqüências para a forma de pensar o mundo (SOUZA, 2009).

De acordo com Souza, com o tempo, esse próprio paradigma da modernidade racional passou a ser questionado. Até que ponto a racionalidade humana é capaz de

decidir e avaliar soberanamente? Até que ponto nós podemos mudar a história coletiva? No entanto, esses são questionamentos típicos da pós-modernidade, visão, na qual, veio questionar a modernidade assim como a modernidade questionou as visões religiosas da Idade Média (SOUZ, 2009, p. 33).

Diferentemente do que seu nome sugere a pós-modernidade não vem depois da modernidade, substituindo, mas convive com ela, coabita o mesmo mundo, são modelos diferentes e contemporâneo do mundo e sociedade (Coracini apud Souza, 2009).

A pós-modernidade, por sua vez, sempre existiu, mas ganhou a visibilidade a partir de autores e momentos diferentes que convergiram para os mesmos princípios: o de que sujeito não é autônomo e de que as verdades são contingenciais. Karl Marx dizia que ao mesmo tempo em que somos sujeitos da história, somos sujeitados a ela. Freud afirmava que a razão é somente a parte visível e enganosa de nossa constituição, cujas bases estariam mesmo inacessíveis no inconsciente. A autonomia, portanto, seria relativa e superficial, uma vez que trabalha a partir da razão e nela se sustenta (SOUZA, 2009, p. 35).

Porém, todas essas indagações foram sistematizadas por Lyotard como um novo modelo de pensar. No entanto, com esse agrupamento de idéias Lyotard chamou-o de *condição pos-moderna* (LYOTARD, 1998). De acordo com ele, a condição pós-moderna se caracteriza pela substituição das grandes verdades ou grandes narrativas por pequenas verdades mutantes, pelo reconhecimento de um sujeito fragmentado e socialmente determinado e por um aprofundamento do capitalismo com a valorização do conhecimento vendável. Isto é, o que, de fato, vem desde então ocorrendo é uma modificação na natureza mesma da ciência (e da universidade) provocada pelo impacto das transformações tecnológicas sobre o saber. Portanto, a consequência mais imediata desse novo cenário foi tornar ineficaz o quadro teórico proporcionado pelo filósofo moderno que elegera como sua questão a problemática do conhecimento, secundarizando as questões ontológicas em face a gnosiológicas.

A modernidade do quadro teórico em questão encontra-se exatamente no fato de conter certos récita aos quais a ciência moderna teve que recorrer para legitimar-se como saber. Desde o momento em que se invalidou o enquadramento metafísico da ciência moderna, vem ocorrendo não apenas a crise de conceitos caros ao pensamento moderno, tais como “razão”, “sujeito”, “totalidade”, “verdade”, “progresso”. Portanto, constatamos, segundo Lyotard, que ao lado dessa crise opera-se, sobretudo, a busca de novos enquadramentos teóricos legitimadores da produção científico-tecnológica numa era que se quer pós-industrial (1998).

O pós-moderno, enquanto condição da cultura nesta, caracteriza-se exatamente pela incredulidade perante o metadiscorso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes (1998).

O cenário pós-moderno é essencialmente cibernético-informativo e informacional. Nele, expandem-se cada vez mais os estudos e as pesquisas sobre a linguagem, com o

objetivo de conhecer a mecânica da sua produção e de estabelecer compatibilidade entre linguagem e máquinas informática.

Segundo Souza (2009), esses três aspectos estão inter-relacionados e nos interessam porque atingem a educação.

Por outro lado, David Harvey vê a pós-modernidade surgindo da transformação do moderno sistema de produção em massa, em especial a transformação para a “acumulação flexível” como uma nova forma de operação do capitalismo e do mercado financeiro. Para ele, a mudança cultural mais importante da transformação do fordismo para a acumulação flexível é a “compressão espaço-tempo”. Entretanto, nos últimos quinhentos anos, o espaço global tem mudado consideravelmente, assim como a noção do tempo (HARVEY, 2004).

Na pós-modernidade, diz Harvey, a compressão espaço-tempo se torna maior e, até mesmo instantânea, para as telecomunicações e o mercado financeiro, que movimentam bilhões de Dólares virtualmente.

Nas últimas duas décadas, pós-modernismo tornou-se um conceito com o qual temos que lidar, e um tal campo de opiniões e forças políticas conflitantes já não pode ser ignorado. “A cultura da sociedade capitalista avançada” passou por uma profunda mudança na estrutura do sentimento (HARVEY, 2004).

Fredric Jamenson, em sua obra intitulada “Pós-modernismo” enfatiza que, os últimos anos têm sido marcados por um milenarismo invertido segundo o qual os prognósticos catastróficas ou redencionistas, a respeito do futuro foram substituídos por decretos sobre o fim disto ou daquilo; em conjunto, é possível que tudo configure o que se denomina, cada vez mais freqüentemente, pós-modernismo. Portanto, como sugere a própria palavra, essa ruptura é muito freqüentemente relacionada com o atenuamento ou extinção do centenário movimento moderno. Por essa ótica, o expressionismo abstrato em pintura, existencialismo em filosofia, as formas derradeiras da representação no romance, os filmes dos grandes *auteurs* ou escola modernista da poesia, são agora vistos como a extraordinária afloração do impulso do alto modernismo que se desgaste e exaure com essas obras (JAMESON, 1997).

Como aponto Jamenson, na arquitetura, em relação à arte e a mídia, as posições pós-modernistas são inseparáveis de uma crítica implacável ao alto modernismo arquitetônico, aí a crítica e a análise formal incluem uma reavaliação do urbanismo e da instituição estética. Entretanto, nessa ótica, atribui-se ao alto modernismo a responsabilidade pela destruição da teia urbana da cidade tradicional e de sua antiga cultura da vizinhança, ao mesmo tempo em que o elitismo e o autoritarismo profético do movimento moderno são implacavelmente identificados no gesto imperioso do mestre carismático (JAMESON, 1997).

É bastante lógico, então, que o pós-modernismo em arquitetura se apresente como uma espécie do populismo estético, na medida em que, segundo Jamenson, por mais que se queira reavaliar essa retórica populista, ela teve, pelo menos, o mérito de dirigir nossa atenção para uma característica fundamental de todos os pós-modernismos, a saber, o

apagamento da antiga (característica do alto modernismo) fronteira entre a alta cultura e a assim chamada cultura de massa ou comercial, e o aparecimento de novos tipos de textos impregnados das formas, categorias e conteúdos da mesma indústria cultural que tinha sido com tanta veemência por todos os ideólogos do moderno (JAMESON, 1997).

Jamenson enfatizou ainda que, essa ruptura não deve ser tomada como uma questão puramente cultural, na medida em que, as teorias do pós-moderno têm uma grande semelhança com todas aquelas generalizações sociológicas mais ambiciosas que, mais ou menos na mesma época, nos trazem as novidades a respeito da chegada e inauguração de um tipo de sociedade totalmente novo, cujo nome mais famoso é “sociedade pós-industrial, mas que também é conhecido como sociedade de consumo, sociedade das mídias, sociedade da informação, sociedade eletrônica ou high-tech e similares. Por tais motivos, tais teorias têm a óbvia missão ideológica de demonstrar, para seu próprio alívio, que a nova formação social em questão não mais obedece às leis do capitalismo clássico, a saber, o primado da produção industrial e a onipresença da luta de classe. No entanto, a tradição marxista tem, por isso, resistido com veemência a essas formulações.

O pós-modernismo é um pouco mais do que um estágio do próprio modernismo. Porém, segundo Jamenson, não somente o fato de que Picasso e Joyce não é mais considerado feios, agora eles nos parecem bastante realistas e isso é resultado da canonização e institucionalização acadêmica do movimento moderno, processo que remonta os fins dos anos 50. Essa é certamente uma das explicações mais plausíveis, segundo este autor, para o aparecimento do pós-modernismo, uma vez que a nova geração dos anos 60 vai se confrontar com o movimento moderno.

No que diz respeito à revolta pós-moderna contra essa situação, é preciso, no entanto, enfatizar que suas próprias características ofensivas não escandalizam ninguém e não só são recebidas com a maior complacência como são consoantes com a cultura pública ou oficial da sociedade ocidental. Com efeito, a nova cultura pós-moderna global, ainda que americana, é expressamente interna e superestrutural de uma nova era de dominação, militar e econômica, dos Estados Unidos sobre o resto do mundo. O pós-moderno é, no entanto, o campo de forças em que vários tipos bem diferentes do impulso cultural têm que encontrar seu caminho. Entretanto, se não chegarmos a uma idéia geral de uma dominante cultural, teremos que voltar a visão da história do presente como pura heterogeneidade, diferença aleatória, como a coexistência de inúmeras forças distintas cuja efetividade é impossível aferir (JAMESON, 1997).

Por outro lado, segundo Harvey (2004), McHale alega que, o romance pós-moderno, caracteriza-se pela passagem de um dominante “epistemológico” a um “ontológico”. Com isso, ele quer dizer uma passagem do tipo de perspectivismo que permitia ao modernismo uma melhor apreensão do sentido de uma realidade complexa, mas mesmo assim singular a ênfase em questão sobre como realidades radicalmente diferentes podem coexistir, colidir e se interpretar. Em conseqüência, a fronteira entre a ficção e ficção científica sofreu

uma real dissolução, enquanto as personagens pós-modernas com frequências parecem confusas acerca do mundo em que estão e de como deveriam agir com relação a ele.

De acordo com Harvey (2004), as idéias de Foucault merecem atenção por terem sido uma fecunda de argumentação pós-moderna. Nelas, a relação entre poder e o conhecimento é um tema central. Mas Foucault rompe com a noção de que o poder esteja situado em última análise no âmbito do Estado, e nos conclama a conduzir uma análise *ascendente* do poder, começando pelos seus mecanismos infinitesimais, cada qual com a sua própria história, sua própria trajetória, suas próprias técnicas e táticas, e ver como esses mecanismos de poder foram investidos, colonizados, utilizados, involuídos, transformados, deslocados etc. por mecanismos cada vez mais gerais e por formas de domínio global.

Lyotard, segundo Harvey (2004), argumenta em linhas semelhantes embora numa perspectiva bem diferente. Ele toma a preocupação modernista com a linguagem e a leva extremos de dispersão. Apesar de o “vínculo social ser lingüístico”, argumenta ele, “não é tecido por um único fio”, mas por “numero indeterminado” de “jogos de linguagens”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir as ideias expostas acima, até então, é possível observar que, a modernidade é marcada pelo abandono da fé no divino, sendo este substituído pela razão. Acreditava-se que por meio da razão e, somente por meio dela, se alcançaria o progresso e a ordem necessária para se viver em plenitude de felicidade. Segundo BORTOLLON e TORRONTÉGUY (2006), de fato, a crença na razão trouxe muitos progressos até então nunca antes assistidos pela humanidade.

Para Harvey (2004), as ferozes resistências de classe tradicionais a modernização capitalista na Europa tornou os movimentos estéticos e intelectuais do modernismo muito mais importante como a lâmina cortante da mudança social, conferindo a vanguarda um papel central e político amplamente negado nos Estados Unidos até 1945. Portanto, diz ele, não surpreende que a história do modernismo intelectual e estético seja muito mais eurocentrada, com alguns centros urbanos menos progressistas ou divididos em classes gerando alguns dos mais fortes fermentos.

Nas sociedades industrializadas, de acordo com Giddens (1991), Acima de tudo, mas em certa medida no mundo como um todo, entramos num período de alta-modernidade, solto de suas amarras no resseguro da tradição e no que foi por muito tempo uma “posição de vantagem” fixa o domínio do ocidente. Embora seus iniciadores procurassem certezas para substituir os dogmas preestabelecidos, a modernidade efetivamente envolve institucionalização da dúvida. Toda reivindicação de conhecimento, em condições da modernidade, é inerentemente circular, embora “circularidade” tenha uma conotação diferente nas ciências naturais em comparação com as sociais. Nas primeiras ela diz respeito ao fato de que a ciência é puro método, de modo que todas as formas

substantivas de “conhecimento aceito” estão em princípio abertas a serem descartadas. As ciências sociais pressupõem uma circularidade num duplo sentido, que é constitutivamente fundamental as instituições modernas.

A modernidade é inerentemente globalizante, e as conseqüências desestabilizadoras deste fenômeno se combinam com a circularidade de seu caráter reflexivo para formar um universo de eventos onde o risco e o acaso assumem um novo caráter (GIDDENS, 1991).

REFERÊNCIAS

BORTOLLON, Mariana e TORRONTEGUY, Alessandra; 2006; Do paradigma da modernidade ao fenômeno da globalização: busca por um novo cenário. Disponível em: www.conpedi.org.br/manaus/.../alessandra_folzke_torronteguy.pdf. Acessado em 20 de janeiro de 2012.

COUJINI, Paulo; 2008; Identidade, afetividade e as mudanças relacionais na modernidade líquida na teoria de Bauman. Disponível em: www.faculdaDESsocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/.../artigo_10.p... Acessado em 22 de janeiro de 2012.

GIDDENS, Anthony. 1991; As conseqüências da modernidade/ Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora Unesp.

HARVEY, DAVID. 2004; Condição Pós-Moderno. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo, Edições Loyola. Parte I. Passagem da modernidade á pós-modernidade na cultura contemporânea (p. 13-114).

JAMENSON, F.; 1997; Pós-Modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo, Editora Ática. Cap. 1. A lógica cultural do capitalismo tardio (p. 27-79) e Teorias do pós-moderno (p. 80-90).

LYOTARD, j. F.; 1998; A condição Pós-moderna. Rio de Janeiro, Editora José Olympio.

SOUZA, S. A. F. 2009; Lembrando as semelhanças sem esquecer as diferenças: por uma ética planetária em nossas práticas pedagógicas. Disponível online em: www.sergiofreire.com.br/.../ARTIGO-Souza-SAF-Etica-Planetaria.pd... Acessado em 22 de janeiro de 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração pública 18, 25, 26, 34, 35, 38, 65, 67, 77, 84, 85, 86, 87, 92, 243, 244, 245, 247, 248, 249, 258, 259

Agilidade 66, 82, 201, 202

Agroindústrias 146, 148, 150, 151, 156

Ambientes restauradores 231, 233, 237, 239, 240

Áreas verdes 231, 233, 235, 236, 238, 239, 240, 241, 242

Aspectos locacionais 130, 137

Assistentes sociais 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17

B

Biofilia 231, 233, 235, 236, 240, 241

C

Capitalismo 14, 58, 59, 60, 61, 63, 93, 96, 97, 98, 249, 272

Cibernéticos 201, 202, 203, 204

Corumbau 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230

Criatividade 55, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 204

D

Defraudar 176, 177, 184, 185, 186, 187, 188

Desarticulação psicossocial 93

Design industrial 191

Desigualdade 13, 14, 130, 257, 263, 273

Digitais 201, 202

Dilemas éticos 87, 88, 91

Direito penal 40, 41, 47, 50

E

Economia 10, 23, 82, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 92, 130, 133, 142, 143, 144, 150, 237, 246, 250, 252, 256, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 271

Economia urbana 260, 271

Entretenimento 201

Estado 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 46, 47, 48, 49, 53, 57, 62, 64, 65, 67, 75, 76, 82, 83, 84, 86, 88, 89, 92,

93, 130, 132, 134, 137, 139, 148, 149, 156, 157, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 196, 205, 216, 223, 224, 229, 237, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 262, 266, 267, 269

Estresse ambiental 231, 233, 234, 235, 240, 241

F

Facilidade 79, 149, 201, 204, 221

Fenomenologia 216, 218, 219, 220, 230

Formação 6, 7, 8, 13, 51, 56, 61, 85, 130, 132, 133, 135, 136, 139, 140, 141, 142, 144, 151, 158, 159, 163, 164, 191, 194, 195, 196, 197, 259, 260, 262, 263, 264, 273

Fugacidade 201

G

Gestão de compras 64, 74, 75, 76, 77, 82, 83

Gestão patrimonial 18, 19, 20, 26, 28, 29, 37, 38

Gestão pública 18, 21, 23, 38, 39, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 87, 89, 91, 92, 247, 248, 258, 259, 261

Globalização 53, 57, 63, 92, 134, 135

Governança 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 28, 37, 38, 85, 86, 239, 254

H

Habilidade 191, 192, 197, 198, 235

I

Imputar 176, 187

Instrumentos urbanísticos 260

Investimento urbano 260

J

Jean-Paul Sartre 40, 41

L

Liberdade 2, 5, 23, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 201, 202, 203, 204, 219, 238, 250

Licitações 64, 65, 66, 67, 69, 74, 76, 79, 84, 85, 86

M

Materiais 5, 29, 32, 33, 54, 64, 65, 67, 69, 70, 74, 75, 76, 79, 80, 82, 86, 149, 196, 197

Mercado de trabalho 7, 158, 159, 160, 174, 175, 254, 255

Mídias 61, 97, 201, 202

Modernidade 40, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 91, 98

Mulheres espanholas 158, 159, 160, 173, 174

P

Pandemia 75, 78, 82, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 111, 206, 210, 214, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 270

Patrimônio público 18, 19, 20, 25, 26, 28

Pós-modernidade 53, 54, 58, 59, 60, 63

Potencialidades 14, 114, 130, 131, 132, 134, 136, 137, 139, 140, 144, 157

Progresso 54, 55, 59, 62, 149, 195, 216, 217, 218, 220, 227, 229

Propostas reformistas 243, 244, 245, 251, 252, 257

R

Região 28, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 146, 147, 149, 156, 157, 216, 217

Regulamentação 34, 37, 250, 260

S

Serviços 8, 12, 14, 21, 24, 25, 26, 33, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 82, 83, 86, 87, 88, 131, 132, 136, 138, 139, 140, 196, 216, 217, 243, 245, 246, 254, 255, 257, 263, 269, 270, 271

Sociedade 12, 17, 21, 23, 24, 25, 42, 46, 47, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 66, 77, 83, 84, 87, 93, 96, 97, 98, 99, 134, 158, 159, 160, 175, 196, 198, 218, 233, 235, 243, 244, 247, 248, 251, 252, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 266, 268, 271, 273

Sustentabilidade 20, 23, 87, 146, 216, 218, 227, 229, 230, 252, 256

T

Tecnologias 76, 79, 146, 149, 152, 166, 196, 204

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 26, 39, 51, 64, 65, 75, 79, 80, 87, 89, 90, 93, 94, 95, 131, 132, 136, 146, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 160, 163, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 202, 226, 231, 236, 240, 244, 246, 249, 250, 254, 255, 258, 259, 261, 264, 266, 268, 273


Turismo 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 229, 230, 270


V


Vida 3, 14, 15, 21, 41, 42, 53, 54, 55, 57, 58, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 98, 104, 108, 112, 116, 126, 140, 146, 149, 152, 153, 156, 164, 170, 194, 195, 196, 197, 199, 202, 216, 217, 218, 221, 225, 226, 227, 228, 229, 231, 233, 234, 235, 237, 238, 240, 242, 244, 252, 253, 254,

255, 257, 261, 262

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 





CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS:


Estado, organizações e desenvolvimento regional 2

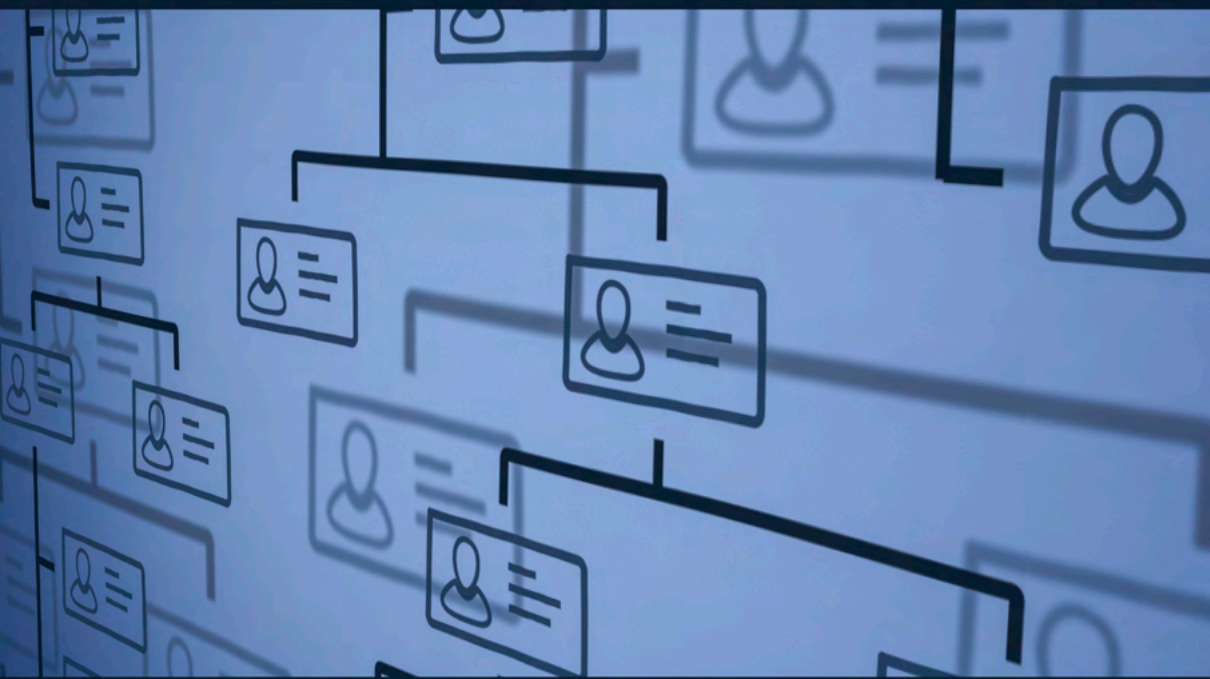

Ano 2022

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS:

Estado, organizações e desenvolvimento regional 2


Ano 2022